

Rituais de Morte Africana

African Death Rituals

Lorraine Martins Diamante¹, Luzcena de Barros²

Resumo: O presente artigo procurou trazer a consciência do tema morte, ainda um tabu na sociedade ocidental, a partir de rituais religiosos de morte africana. Os rituais de morte africana são momentos valorizados pela comunidade, pois o morto continua a influenciar a vida dos enlutados. A finitude humana traz complicações com consequências psicológicas, sociais e culturais aos envolvidos, inclusive no momento de sepultamento: os espaços escolhidos demonstram valores, tradições e modo de viver, como um conjunto de relações sociais e culturais neles contidos. Objetivos: a) explorar o tema da morte, a partir do ritual da morte africana; b) despertar a curiosidade dos acadêmicos em diferentes rituais de morte, como facilitadores do conhecimento e aproximação do tema e c) integrar os diferentes rituais de morte nos cuidados, para atender as necessidades culturais no momento do óbito. Metodologia: pesquisa bibliográfica, com revisão de literatura e a busca de artigos em periódicos nacionais e internacionais, divulgados nas bases de dados Scielo, LILACS e Google Acadêmico, para embasamento teórico. Resultado: o tema da morte ligado a rituais religiosos e morte africana é pouco explorado em formato de artigo científico, talvez pela morte ainda se revelar um tabu na sociedade ocidental e a comunidade africana pouco presente. Os alunos pesquisadores demonstraram interesse pelo tema na busca dos artigos, e com o passar do tempo de pesquisa, foram solidificando nosso conhecimento de que os jovens pouco se interessam pelo assunto da morte e morrer, e não fazem reflexão da necessidade de capacitação para assistir a finitude de seus enfermos. Conclusão: este trabalho permitiu uma aproximação do tema da morte para os pesquisadores, a partir da exploração de rituais religiosos africanos e permitiu um melhor conhecimento do significado de morte na sociedade africana.

Palavras-chave: morte, vida e morte, rituais de morte africana.

Abstract: *The present article sought to bring awareness of the theme death, still a taboo in Western society, from religious rituals of African death. The African death rituals are moments valued by the community, since the dead continue to influence the life of the mourners. Human finitude brings complications with psychological, social and cultural*

consequences to those involved, even at the moment of burial: the chosen spaces demonstrate values, traditions and way of living, as a set of social and cultural relations contained in them. Objectives: a) to explore the theme of death, starting with the ritual of African death; b) arouse students' curiosity in different death rituals, as facilitators of the knowledge and approach of the subject, and c) integrate the different death rituals in the care, to meet cultural needs at the time of death. Methodology: bibliographic research, with literature review and the search of articles in national and international journals, published in SciELO, LILACS and Google Scholar databases, for theoretical basis. Results: The theme of death linked to religious rituals and African death is little explored in the form of a scientific article, perhaps because death is still a taboo in Western society and the African community is not very present. The research students showed an interest in the search for the articles and, as time went by, they solidified our knowledge that young people are not interested in the subject of death and die, and do not reflect on the need for training to meet the finitude of their patients. Conclusion: This research allowed an approach to the theme of death for researchers, from the exploration of African religious rituals and allowed a better understanding of the meaning of death in African society.

Keywords: death, life and death, African death rituals.

“Em África, os mortos nunca morrem. Vivem de outra maneira.” Mia Couto

I. INTRODUÇÃO

O interesse por esta pesquisa surgiu na ocorrência do VII Seminário Internacional de Integração Étnico Racial, evento que ocorre anualmente no Centro Universitário ENIAC, pela curiosidade dos pesquisadores sobre rituais de morte africana, um cerimonial com práticas incomuns de preparo e sepultamento do corpo após a morte.

Apesar de a morte ser um evento natural, a maioria da sociedade a torna escondida e silenciada, como algo indecente e imundo, que deve sair dos olhares de familiares e profissionais. Muitas vezes as pessoas, em seus últimos dias de vida, permanecem isoladas em hospitais e enfermarias, quando poderiam estar em seus lares, rodeadas de carinho.

A cultura ocidental tem liderado a morte oculta. Com o aumento da expectativa de vida e uso de novas tecnologias, a

¹Doutora em Bases Gerais da Cirurgia, Professora e Pesquisadora do NUPE no Centro Universitário ENIAC, email: loraine.martins@eniac.edu.br

²Mestre em Enfermagem, Professora e Pesquisadora do NUPE no Centro Universitário ENIAC, email: luzcena.barros@eniac.edu.br

morte dá lugar a uma vida de sofrimento, sem qualidade. Morte sem a percepção da sua verdadeira necessidade (LOUREIRO, 2008; PEREIRA, 2013).

A finitude humana traz complicações com consequências psicológicas, sociais e culturais aos envolvidos, inclusive no momento de sepultamento: os espaços escolhidos demonstram valores, tradições e modo de viver, como um conjunto de relações sociais e culturais neles contidos. Busca-se registrar a vivência dos indivíduos que lá habitam e do universo que os cerca. As escrituras dos túmulos são uma forma de contato com os vivos e representam a biografia e o que o morto apresentou em vida. A morte é transformada em espetáculo quando, em cerimônia, a alma é encaminhada para o Paraíso ou não, e seus corpos se transformam em objetos inanimados que, de formas múltiplas e diversificadas, podem ser enterrados, queimados, embalsamados, defumados, desmembrados, cozidos, comidos ou simplesmente abandonados. Uma cerimônia com rezas, músicas, flores, objetos preferidos do morto aparece como um ritual conceituado como um conjunto de práticas consagradas por tradições que demonstram sentimentos coletivos e que atendem a essência religiosa (MENEZES; GOMES, 2012).

Conforme o tempo foi passando, os saberes científicos e biomédicos foram se desenvolvendo e os rituais se modificando, deixando de exprimir vínculos, emoções, assim como os rituais do casamento, nascimento e outros.

A partir dos séculos XIX e XX, a morte do outro se torna dramática e insuportável e dá início ao afastamento social da morte.

Na metade do século XX, alguns acontecimentos afastaram o morrer do cotidiano, dentre eles o aumento da expectativa do tempo de vida, o controle de doenças infecciosas e da mortalidade neonatal; a criação de técnicas e tecnologias direcionadas ao prolongamento e manutenção da vida, com alteração de atitudes, práticas e sentimentos que transformaram o momento em tabu e continuam privando o homem de sua própria morte (MUNIZ, 2006; DIAS, 2009).

A morte africana, objeto deste trabalho, é estritamente ritual. O morrer com idade avançada, com funeral digno (muita festa), é sinônimo de uma boa morte que envolve toda a comunidade, para que o espírito do morto não se revolte. Os defuntos pertencem à família e são enterrados próximos as suas casas, para dar continuidade e influenciar na vida da comunidade (BANDEIRA, 2010; SECCO 2012).

No ritual de morte africana, tem importância o corpo estar presente. Muitas preocupações acontecem quando, pelo motivo da morte, o corpo não é encontrado (má sorte para a família), pela ansiedade da administração da alma do falecido e dos enlutados. Os rituais dependem em grande parte de quem morreu e como morreu. No adulto, o cônjuge ou ancião da família é responsável pelo fechamento dos olhos. O corpo é lavado por pessoas idosas do mesmo sexo que o falecido. Com respeito a como o defunto passou, as seguintes diretrizes gerais se aplicam.

- Morte de causas naturais - O corpo é lavado e preparado para o enterro. O ritual é realizado em um local designado fora da propriedade. Acredita-se geralmente que esta prática evitará a repetição do infortúnio.

- Morte por suicídio - O corpo é lavado e preparado para o enterro. Em vista de o ato de tirar a própria vida e trazer dano ao próprio corpo ser percebido como não natural, um ritual específico que simbolicamente adverte a pessoa pode ser realizado no corpo. Um pequeno grupo fica em casa, cuidando da limpeza e preparando a refeição para os que acompanham o falecido no enterro. Parte da comida pode ser preparada em alguma casa vizinha. O cadáver é envolto em um pano branco e colocado em um caixão de madeira, revestido com pano negro. Chegando ao lugar preparado para o sepultamento, o chefe da família é o primeiro a se aproximar da cova, para receber o defunto, acompanhado de duas a três pessoas. Junto ao corpo, colocam-se alguns objetos usados por ele durante sua vida e algum perfume ou talco. Depois de colocar o caixão na fossa, o chefe da família deposita um pouco de terra, seguido por pessoas da família, sempre em ordem hierárquica, do mais velho para o mais novo. O funeral requer que se mate pelo menos uma vaca, a morte do animal tem um significado ritual; é acompanhado de uma oração aos antepassados para que aceitem no seu seio o defunto. Por isso, o sangue é derramado na terra (TEIXEIRA, 2009; PRIORE, 2011).

O luto rigoroso é feito só pelas mulheres, os objetos do defunto são postos no quarto do casal onde a viúva fará o seu luto, que dura, normalmente, um ano, e só poderão ser utilizados após esse período. A cada visitante é contado o modo como a doença ou o acidente ocorreu. E recorda-se a vida do defunto (HIRUY; MWANRY, 2013).

II. OBJETIVOS

Os objetivos desta pesquisa, foram definidos como: a) explorar o tema da morte, a partir do ritual da morte africana; b) despertar a curiosidade dos alunos pesquisadores em diferentes rituais de morte, como facilitadores do conhecimento e aproximação do tema e c) integrar os diferentes rituais de morte nos cuidados, para atender as necessidades culturais no momento do óbito.

III. REFERENCIAL TEÓRICO

A morte faz parte do desenvolvimento humano e se estende desde os primeiros meses de vida, quando a criança sente ausência da mãe, que são vividas como a sensação de morte, perda, separação e conseqüente vivência de desamparo (KOVACS, 1992).

A morte clínica é definida como um estado onde os sinais vitais como a consciência, reflexos, respiração, atividade cardíaca, estão suspensos e que atualmente podem ser substituídos por máquinas, prolongando a vida por um período indefinido.

À medida que a criança processa o seu desenvolvimento afetivo e emocional, experimenta as mortes efetivas que a rodeiam, tentando compreender o que se passa. Ainda nos dias de hoje, a criança não sabe nada da morte e muitos acreditam que ela deve ser poupada distanciando-a de pessoas doentes, hospitais e velórios.

A morte se faz acompanhar de uma tentativa de explicação e, por outro lado, fortes emoções assolam quando de seu acontecimento. Faz parte do desenvolvimento infantil o pensamento mágico e a onipotência, há uma fantasia de morrer de brincadeira, como nos desenhos animados e com o passar do tempo, a criança começa a compreender a irreversibilidade da morte pela própria experiência.

O adolescente onipotente, sente que está no “pico” da vida, sem espaço para a morte, mas é conhecedor de que a morte não é reversível e sim definitiva, vivenciando várias mortes concretas com a perda de amigos, em acidentes, overdoses, assassinatos, e doenças.

A adolescência é uma época de descoberta do amor que durante o Romantismo, levava à morte, através do suicídio. Uma das representações mais fortes da morte está ligada à sedução, presente nas figuras de sereias, botos, arlequins.

O uso de drogas que serve como elemento de alteração da consciência traz uma percepção diferente do mundo e tem elevado o número de morte de jovens por overdose.

A fase adulta que é variavelmente indefinida e de difícil clareza no seu início e fim não apresenta limites precisos, onde muita energia é dispendida, na consolidação de família, carreira profissional e pouco é pensado sobre a morte e o morrer.

Continuando a trajetória da vida, o homem segue negando a morte, como inimiga à destruir até chegar a fase da velhice que não tem um início definido, mas o fim com a morte.

Pode-se preparar para a morte, acompanhando pessoas que se aproximam da terminalidade da vida, buscando um significado, melhorando conhecimento para viver enquanto se estiver vivo.

A participação na morte traz um crescimento espiritual, dando mais valor à vida e com os africanos permite uma intimidade nesta fase e com isso um comportamento mais aliviado na partida de seus entes queridos.

IV. MATERIAIS E MÉTODOS

Pesquisa bibliográfica, com revisão de literatura e a busca de artigos em periódicos nacionais e internacionais relacionada ao tema morte, direcionada a rituais religiosos e rituais de morte africana, nas bases de dados Scielo, LILACS e Google Acadêmico, para embasamento teórico.

V. RESULTADOS E DISCUSSÕES

O tema da morte ligada a rituais religiosos e rituais de morte africana são pouco explorados em formato de artigos científicos, talvez pela morte ainda se revelar um tabu na sociedade ocidental e a comunidade africana pouco presente.

Da pesquisa realizada, verificou-se pouco embasamento do tema nos periódicos, com pesquisas cadastradas há mais de cinco anos. Foram encontrados 20 artigos de periódicos, mas somente 10 artigos responderam às nossas necessidades.

Os artigos escolhidos fizeram longos relatos do conceito de rituais, englobando não só os religiosos, com poucos conteúdos de morte africana. Podem ser verificados outros

tipos de rituais de morte africana, dependendo da localização do território na África.

VI. CONCLUSÃO

Este trabalho permitiu uma aproximação do tema da morte para os pesquisadores, a partir da exploração de rituais religiosos africanos e permitiu melhor conhecimento do significado de morte na sociedade africana, com preocupação na espiritualidade do morto e dos enlutados e, talvez desta forma, a importância de uma vida bem vivida.

VII. REFERÊNCIAS

BANDEIRA, Luís Cláudio Cardoso. A MORTE E O CULTO AOS ANCESTRAIS NAS RELIGIÕES AFRO-BRASILEIRAS. **Último Andar**. São Paulo, v19,p 33-39, jul 2010. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/ultimoandar/article/view/13304>. Acesso em 10 de abril 2019.

DIAS Patrícia Regina Corrêa. RITOS E RITUAIS - VIDA, MORTE E MARCAS CORPORAIS: A IMPORTÂNCIA DESSES SÍMBOLOS PARA A SOCIEDADE. **VIDYA**. Santa Maria, v. 29, n. 2, p.7186,jul-dez 2009. Disponível em: <https://periodicos.ufn.edu.br/index.php/VIDYA/article/view/328>. Acesso em: 27 de março 2019

HIRUY,Kiros, MWANRI,Lillian. End-of-life experiences and expectations of Africans in Australia: Cultural implications for palliative and hospice care, **Nurs Ethics**, march 2013. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/0969733012475252>. Acesso em: 17 de abril 2019.

KOVÁCS, Maria Júlia. Morte e Desenvolvimento Humano.Casa do Psicólogo. São Paulo;p,1-12, 1992.

LOUREIRO, A.M.L. The baton of death orchestrating life. **Interface - Comunic., Saúde, Educ.**,Botucatu SP, v.12, n.27, p.853-62, out./dez. 2008. Disponível em: <https://www.scielo.org/pdf/icse/2008.v12n27/853-862/pt>. Acesso em: 20 março 2019.

MENEZES, R.; GOMES, E. “Seu funeral, sua escolha”: rituais fúnebres na contemporaneidade. **Revista de Antropologia**, São Paulo, v. 54, n. 1, 16 ago. 2012.disponível em: <http://www.revistas.usp.br/ra/article/view/38585>. Acesso em: 27 de março 2019.

MUNIZ Paulo Henrique - O ESTUDO DA MORTE E SUAS REPRESENTAÇÕES SOCIOCULTURAIS, SIMBÓLICAS E ESPACIAIS. **Varia Scientia**,v. 06, n. 12, p. 159-169-2006. Disponível em: <http://e-revista.unioeste.br/index.php/variascientia/article/view/152012393>. Acesso em: 27 de março 2019.

PEREIRA,JC. Procedimentos para lidar com o tabu da morte. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro,18(9):2699-2709, junho 2013. Disponível em: https://www.scielo.org/scielo.php?pid=S1413-81232013001700025&script=sci_arttext&tlng=es . Acesso em: 20 de março 2019.

PRIORE, Mary Del. Passagens, rituais e práticas funerárias entre ancestrais africanos: outra lógica sobre a finitude. **REVISTA DE ESTUDOS AFRO - AMERICANOS**, Vol. 1, No 1, p 122-140, jan-jun 2011. Disponível em: <http://revista.universo.edu.br/index.php?journal=4revistaafroamericanas4&page=article&op=viewArticle&path%5B%5D=459>. Acesso em: 17 de abril 2019.

SECCO, Carmen Lucia Tindó Ribeiro. Travessias e margens da existência: representações da morte em textos literários de Angola e Moçambique. **Navegações Ensaios**. Rio de Janeiro, v. 5, n. 1, p. 68-72, jan./jun. 2012. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/navegacoes/article/view/11075/7600>. Acesso em: 10 de abril 2019.

TEIXEIRA, Marco Antônio. A MORTE E O CULTO AOS MORTOS NAS TRADIÇÕES POPULARES DE RONDÔNIA. **SABER CIENTÍFICO. PORTO VELHO**, v. 2, n. 2, p. 1-36, jul-dez 2009. Disponível em: <http://revista.saolucas.edu.br/index.php/resc/article/view/128>. Acesso em: 10 de abril 2019.